

Carta do Coletivo de Negras e Negros do ANDES-SN

CONAD – São Luís, Maranhão – Julho de 2026

Companheiras, companheiros e companheires,

O Coletivo de Negras e Negros do ANDES-SN nasceu da certeza de que não basta abrir as portas de um sindicato se o racismo continua atravessando seus corredores. Nascemos porque sabíamos que a luta de classes, no Brasil, não existe sem enfrentamento ao racismo. E seguimos existindo porque ainda somos necessários.

Hoje, olhamos para nossa trajetória com orgulho e esperança. O ANDES-SN tornou-se referência nacional na luta antirracista. Nossa campanha “Sou Docente Antirracista” inspira outras organizações. Nossa presença nos Congressos e CONADs cresce a cada encontro. Temos um presidente negro dirigindo nosso sindicato nacional. Isso tem significado político e histórico. Não é pouco.

Mas sabemos que nenhuma conquista nos autoriza a descansar.

Ainda vemos docentes negras e negros sendo perseguidos por denunciarem o racismo. Ainda experimentamos a desumanização cotidiana nas universidades. Ainda enfrentamos o epistemicídio que insiste em negar legitimidade às nossas produções intelectuais. Ainda somos minoria em espaços de decisão. Ainda somos, muitas vezes, chamados apenas para compor a fotografia da diversidade, enquanto as decisões continuam sendo tomadas sem nós.

Pedimos licença poética para ecoar a pergunta de Sojourner Truth:

E nós não somos docentes?

Somos docentes quando pesquisamos.

Somos docentes quando ensinamos.

Somos docentes quando produzimos conhecimento.

Também somos docentes quando denunciemos o racismo que atravessa nossas instituições.

Não aceitaremos que denunciar o racismo tenha como consequência processos judiciais, perseguições administrativas ou isolamento político. O caso do professor Iguatemi Rangel nos lembra que, ainda hoje, muitos pagam

um preço alto por defender aquilo que este sindicato afirma defender: a dignidade humana.

Por isso, queremos um ANDES-SN e seções sindicais cada vez mais comprometidos com a defesa jurídica das vítimas de racismo. Nenhuma docente ou nenhum docente negro deve precisar pagar do próprio bolso para defender seu direito de existir com dignidade em seu local de trabalho.

Queremos também que nossas seções sindicais compreendam que democracia sindical exige representatividade. Ainda existem diretorias inteiramente brancas. Ainda existem seções que não conseguem enxergar mulheres e homens negros como sujeitos da direção política. Defendemos cotas para participação nos eventos do ANDES-SN, defendemos maior presença de negras e negros nas diretorias e defendemos aliados que compreendam que abrir mão de privilégios também é uma forma de fazer luta sindical.

Ao longo desses anos, ouvimos dizer que nossos atos são performáticos. Que nossos cantos são excessivos. Que nossos cartazes são caricatos.

Respondemos com serenidade e firmeza.

Sim, nós cantamos.

E, enquanto cantamos, elaboramos propostas de resolução, escrevemos textos, construímos campanhas, disputamos concepções nos Grupos de Trabalho, apresentamos emendas, organizamos coletivamente este sindicato e ajudamos a construir uma das mais importantes referências nacionais de combate ao racismo no movimento sindical.

Nosso canto também é elaboração política.

Nossa ancestralidade também produz teoria.

Nossa emoção não diminui nosso rigor.

Ela lhe dá sentido.

Seguiremos ocupando todos os espaços: as ruas, os plenários, os grupos de trabalho, as diretorias, as universidades e a produção do conhecimento.

Porque esta luta não é apenas nossa.

É uma luta pela democracia.

É uma luta pela universidade pública.

É uma luta pela classe trabalhadora.

E ela só será vitoriosa quando todas e todos compreenderem que o combate ao racismo não é responsabilidade exclusiva de quem sofre seus efeitos, mas compromisso de todo sindicato que deseja ser verdadeiramente democrático.

Ao Coletivo de Negras e Negros do ANDES-SN, nossa gratidão.

Ao ANDES-SN, nosso reconhecimento pelos passos já dados.

E à nossa categoria, nosso chamado para que caminhe conosco.

Porque ainda há muito por fazer.

E nós...

não seremos breves.